



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

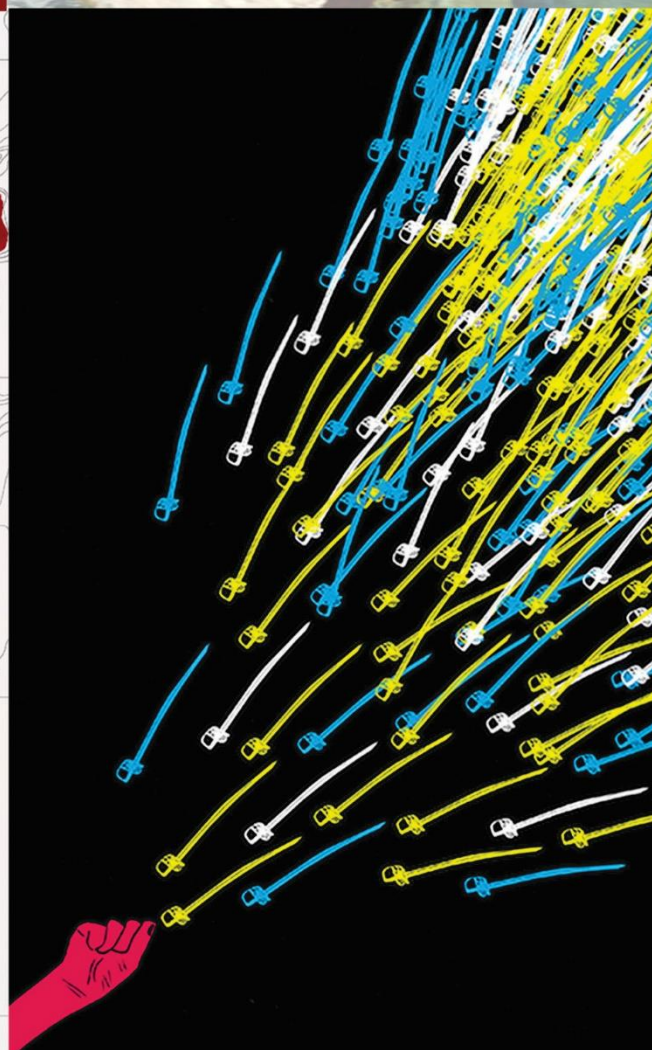
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

Nº 02

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



OS ENTRES DO ENTRE-METRÓPOLES GOIÂNIA-BRASÍLIA: DAS NARRATIVAS DE UM PERCURSO DE TESE AO PRÊMIO BRASÍLIA 60 ANOS

THE BETWEEN OF THE GOIANIA-BRASILIA INTER-METROPOLISES: FROM THE NARRATIVES OF A THESIS ROUTE TO THE BRASILIA 60 YEARS AWARD

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4666492>

Envio: 15/10/2020 ♦ Aceite: 13/11/2020

Pedro Henrique Máximo Pereira



Doutor e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Estadual de Goiás e Artista Visual pela Universidade Federal de Goiás. Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e professor do Centro Universitário de Anápolis. Integra os grupos de pesquisa Topos e Novas Cidades da UnB e CIMPARQ da PUC-Goiás.

RESUMO:

O ensaio aborda três narrativas construídas a partir do percurso de elaboração da Tese “O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: história e metropolização”, vencedora do “Prêmio Brasília 60 anos” da Universidade de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: entre-Metrópoles Goiânia-Brasília, Brasília, Prêmio Brasília 60 anos.

ABSTRACT

The essay discusses three narratives built from the course of elaboration of the thesis “The Goiania-Brasilia inter-metropolises: history and metropolization”, winner of the “Brasília 60 years Award” from the University of Brasília.

KEYWORDS: Goiania-Brasília inter-metropolis; Brasilia, Brasilia 60 years Award.

PARA INTRODUIR, UMA SAUDAÇÃO A BRASÍLIA

Neste ano de 2020 Brasília completa 60 anos. As tradicionais e novas manifestações em comemoração ao marco de 21 de abril de 1960, data em que a então nova capital do Brasil era inaugurada por Juscelino Kubitschek, foram alteradas em decorrência da Pandemia da COVID-19. Em substituição, eventos *online* ocorreram a fim de evitar aglomerações na Esplanada dos Ministérios, nos pilotis das superquadras, nos botecos, bares e restaurantes de suas comerciais ou inibir as ocupações do Eixão ou Setores Comercial e Cultural.

Shows, *saraus*, relatos históricos, exibição de filmes e debates foram milhares, milhões de vezes reproduzidos nas telas de computador, *notebooks*, *tablets*, *Smart TVs* e *Smartphones*. Paradoxalmente, a aniversariante da vez, Brasília, recebeu poucos visitantes e convidados. Seus habitantes ficaram em casa. Os habitantes das cidades satélites avizinhas não puderam ocupar seus famosos vazios. Aos corpos, ausentes na comemoração, não foi permitido dar ao símbolo urbanístico e político que alterou a geografia no Brasil a sua homenagem. Por outro lado, tiveram que se contentar com *likes*, comentários, *hashtags* do tipo *#Brasília60anos* ou *#ParabénsBrasília* e compartilhamento das programações, como “Meu Eixão em casa” e “7th *Brasilia International Film Festival*”, a BIFF, nas redes, seja no WhatsApp, Instagram, Facebook, Twitter, YouTube ou no TikTok, recém popularizado no Brasil.

A jovem senhora sexagenária, Brasília, certamente não recebeu as homenagens que merecia, mas as homenagens possíveis neste contexto de incertezas e desafios territoriais e sanitários. Afinal, falar de Brasília é falar do Centro Oeste, do Planalto Central, de políticas territoriais e de planejamento. É falar de modernismo, nacionalismo e desenvolvimentismo. É também lembrar de suas rodovias, das políticas de industrialização e dos movimentos de urbanização. Comemorar o aniversário de Brasília é explorar, uma vez mais, as nuances da ideia e relevância de um projeto urbanístico, não só de seus inerentes espaços vazios, lâminas flutuantes e palácios refinados; mas é, também, se referir a Taguatinga, Sobradinho, Gama, Abadiânia, Alexânia, Samambaia, Recanto das Emas, Cidade Ocidental, Novo Gama, Cruzeiro, Ceilândia, Santo Antônio do

Descoberto, Águas Lindas de Goiás e tantas outras cidades que surgiram no Distrito Federal, no Entorno ou a milhares de quilômetros, em função de seu nascimento (MÁXIMO e TREVISAN, 2019). Falar de Brasília, assim, é mencionar os povos de sotaques diferentes que, ao se encontrarem e se misturarem no Planalto Central, produziram culturas singulares e novos modos de viver e realizar a sociedade urbana. Por fim, mas sem fechar a lista de argumentos, celebrar Brasília é exultar seu legado e seus patrimônios. Brasília, a apoteose do Movimento Moderno e Patrimônio Cultural da Humanidade, é maior que si própria. Sempre foi, mas, agora, temos clareza de suas dimensões possíveis.

Não é possível, com as menções e reconhecimentos acima citados, ignorar as contradições que envolveram seu projeto, execução e ocupação. Afinal, comemorar Brasília é saudar a utopia e encarar a realidade. Como me referi a esta cidade em minha tese de doutorado, Brasília é uma cidade siamesa, ao mesmo tempo mitológica e reflexiva, portanto, parte *ex nihilo* e parte *ex nihilo nihil fit*. Deste modo, a cidade já nasceu aberta, “[...] mas dividida. Duas cabeças em um corpo, cuja separação implicaria, necessariamente, na morte de uma das consciências” (MÁXIMO, 2019, p. 85). Celebrar Brasília é fazer uma autocrítica dura, sincera, desapaixonada e propositiva. Os mesmos motivos que justificam sua relevância são aqueles que determinam seus problemas à luz do presente histórico. O ineditismo de Brasília enquanto cidade nova dá o tom dos ineditismos necessários para a resolução de seus impasses e suas contradições. No presente, soluções repetidas de seu vocabulário são distribuídas pelo Distrito Federal. Somente o futuro nos dirá se as soluções urgentes para problemas iminentes continuarão a reproduzir a cartilha já dada, ou a inventividade, inerente ao projeto urbano-arquitetônico da cidade, inspirará novas saídas possíveis para o território.

Certamente este texto volta-se a Brasília como uma homenagem por seu aniversário de 60 anos. No entanto, refere-se, sobretudo, a um registro de um percurso de elaboração de tese que teve Brasília como uma de suas protagonistas. A tese **O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: História e Metropolização**, elaborada pelo autor que vos escreve e sob a orientação do prof. Dr. Ricardo Trevisan, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

(PPG-FAU-UnB), no período de 2016 a 2019. Teve como tema a região urbana do Planalto Central, o terceiro aglomerado urbano-regional do Brasil, que é configurada por duas capitais metropolitanas, Goiânia e Brasília, uma cidade média, Anápolis, e uma constelação de pequenas cidades.

A tese refere-se a uma metropolização do espaço específica nesta região, a **metropolização conjugada**, dada pela pressão exercida por estas metrópoles sobre espaço de 200 quilômetros que as unem-separam e sobre suas regiões de abrangência e influência. Deste modo, os intensos fluxos entre elas, seja de capitais, pessoas, informação, imagens ou mercadorias, pulverizam ou semeiam sobre o território as centelhas de repertórios arquitetônicos, urbanísticos, de culturas, gostos e comportamentos que são cultivados primeiro nas metrópoles. Estas centelhas são, nos fragmentos urbanos que constituem o entre-Metrópoles, absorvidos, assimilados, adaptados, replicados ou repelidos, numa lógica de relação de poder inerente à sua essência como território. Tal fenômeno ininterrupto de novidades e disputas é responsável por metamorfoseá-lo profundamente, o que faz, daqueles que o vivem, seus coprodutores. Afinal, viver o território é produzi-lo.

Neste ano de 2020 esta Tese foi honrada com o **Prêmio Brasília 60 anos**⁶, da Universidade de Brasília, como melhor tese. Tratou-se de um prêmio concebido pela UnB, aberto a todas as áreas do conhecimento, para dar relevo a Teses e Dissertações que tiveram por tema Brasília e seu Entorno. Este texto procura, neste sentido, fazer uma reflexão retrospectiva, a partir de três narrativas, sobre o processo de elaboração desta tese. Embora tenha esta ambição, o presente texto não descreve o percurso linear de elaboração da tese. Tampouco pretende encerrar as discussões do percurso feito para sua realização. É um esboço e um esforço pessoal de trazer à tona uma fração da

⁶ Conforme o Edital DPG/UnB Nº008/2020 que dispunha dos Prêmios UnB de Dissertações e Teses, Prêmio Brasília 60 anos, Prêmio Técnicos da Ciência, Grande Prêmio UnB de Tese e critérios de seleção, avaliação e premiação, em seu Art. 5º, o Prêmio Brasília 60 anos visava “reconhecer as dissertações ou teses, de qualquer área do conhecimento, cujo tema tenha sido a Capital Federal”. Os critérios de seleção foram, conforme Art. 9º, consideraram “a originalidade do trabalho, a relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social, de inovação, e o valor agregado ao sistema educacional”.

riqueza de seu processo, parte de suas angústias inerentes e uma tentativa esclarecer alguns pontos que, julgo, não estão muito claros no documento final.

Para tal, estipulei três narrativas que operam neste ensaio como subtópicos. A *Narrativa 1 – Incursões Metodológicas e a Montagem*, *Narrativa 2 – Por que “entre” e não “eixo”?* e *Narrativa 3 – Os diagramas e as representações do território*. Para finalizar, faço uma pequena reflexão sobre os significados do *Prêmio Brasília 60 anos*.

NARRATIVA 1 - INCURSÕES METODOLÓGICAS E A MONTAGEM

Desde o início do percurso de elaboração da tese **O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: história e metropolização** (Figura 1), ficou estabelecido que o recorte espacial já dado contaria com outros recortes, à medida em que a pesquisa e o amadurecimento da experiência no território pudessem subsidiá-los. Tal atitude tinha por premissa dar notoriedade aos fragmentos que o constituem e preservar, ao mesmo tempo, seu caráter regional. Neste sentido, um exercício de circulação entre escalas distintas foi necessário, dada a própria característica transescalar que é inerente a eles. Do todo às partículas e das partículas ao todo. Movimentos intermitentes e frequentes de aproximação e distanciamento, o “paradoxo da aproximação-distanciamento”, uma técnica sensível às pulsões do território.

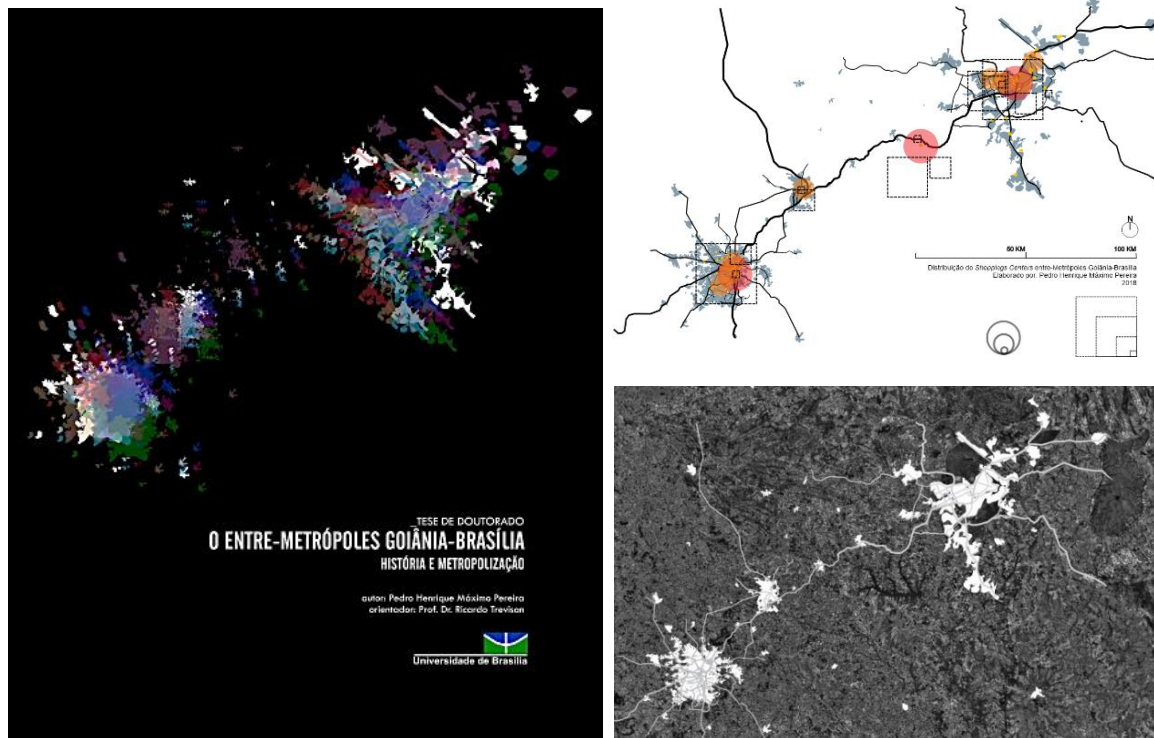


Figura 1 – À esquerda: capa da tese defendida em 2019. À direita, superior: espacialidades do entre-Metrópoles em processo de investigação em 2018. À direita, inferior: mancha urbana do entre-Metrópoles e principais infraestruturas rodoviárias em 2019. Fonte: acervo do autor.

Estes movimentos contaram com alguns procedimentos de apreensão, captura e compreensão de sua constituição e configuração. Além de visitas *in loco* objetivas, programadas e com escopo definido, há que se salientar que vivo este território de modo intenso há mais de uma década. Idas e vindas entre Goiânia e Brasília explicitam uma vida urbana expandida que extrapola a experiência pessoal. Diariamente, cerca de 100 mil pessoas transitam entre essas metrópoles e produzem este território a partir de suas territorialidades. Tê-lo como objeto de pesquisa reforçou a necessidade de, frequentemente, me aproximar e distanciar, em medidas ajustadas e calculadas às demandas de um trabalho científico.

Anotações sumárias foram imprescindíveis para o registro de impressões, *insights* e questões. Era necessário fazer saltar aos olhos e destacar aquilo que era cotidiano e comum. Três cadernos foram preenchidos de 2016 a 2017. Desenhos, anotações, palavras e lugares foram ali destacados. É importante salientar que tais pontuações eram efetivadas com uma frequência média de uma vez por semana em turnos variados. Além disso, conversas e entrevistas foram realizadas, em especial nas cidades que se situam no *entre*. As entrevistas foram registradas em áudios e posteriormente destacado delas aquilo que era importante e precioso para a compreensão da partícula e do todo. Neste sentido, destacam-se Abadiânia e Alexânia, cidades novas até então não identificadas como tal pela historiografia que, a partir de conversas com os atores que participaram de suas fundações, foram identificados os documentos originais, como plantas urbanísticas e registros de cartórios.

Delineava-se, assim, o caráter teórico-empírico da Tese⁷. Fontes primárias e secundárias foram colhidas e documentadas. Além do mergulho histórico, um levantamento amplo sobre o estado atual do território foi realizado em todo o período da pesquisa. Mapas de condomínios horizontais, *shoppings centers*, igrejas, motéis, hipermercados, cemitérios, casas noturnas e boates, hotéis, espaços institucionais, parques, praças, indústrias e universidades. Este trabalho exaustivo de levantamento contou com o auxílio de uma equipe fundamental: Yan Friedrich Oliveira, Mayara Rezende, Daniela Braga, Thaís Alcântara, Pablinny Prado, John Frank e Fabiane Santos.

⁷ “Quanto à organização das bases teóricas foram feitos três procedimentos distintos, mas convergentes. Sua organização se deu por temas, a fim de estabelecer um panorama dos debates que constroem as abordagens sobre eles. O primeiro diz respeito ao levantamento específico do Eixo de desenvolvimento Goiânia-Anápolis-Brasília, que contou com uma organização interna: trabalhos sobre o eixo, sobre cidades do eixo e sobre equipamentos do eixo. O segundo diz respeito ao levantamento bibliográfico por cidade e região que compõe o objeto aqui apresentado. O terceiro, foi o levantamento bibliográfico pelas dimensões teóricas: urbanização e metropolização.” (MÁXIMO, 2019, p. 29)

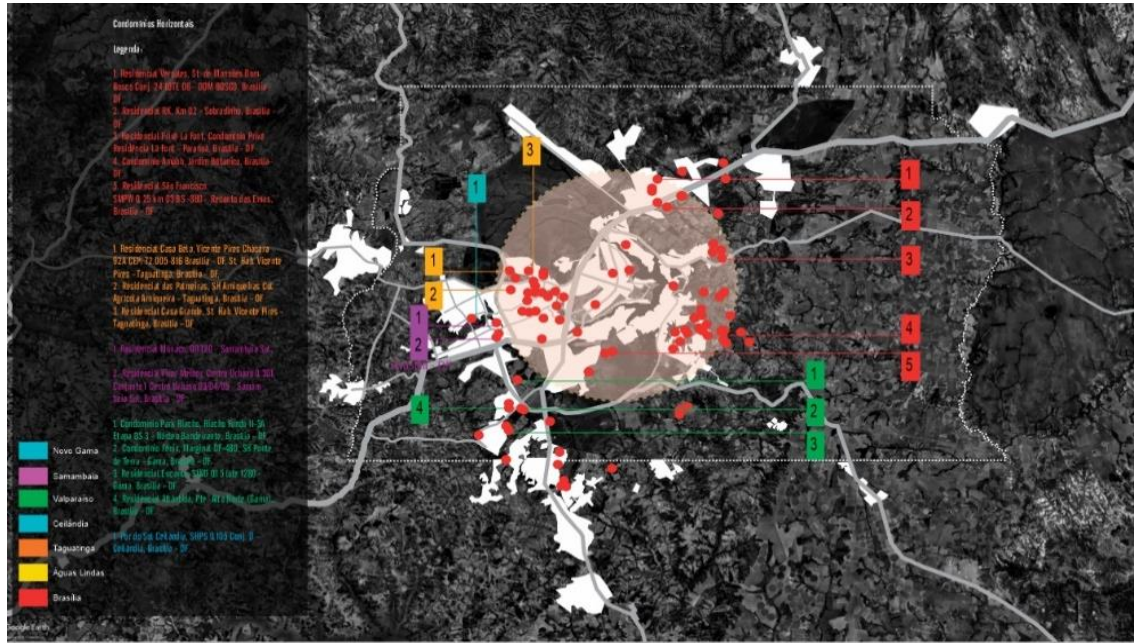


Figura 2 – Ficha de levantamento e espacialização dos condomínios horizontais fechados no Distrito Federal, 2018. Concepção: Pedro Máximo, 2018.
Elaboração: Fabiana Santos, Jhon Frank e Pedro Máximo. Fonte: acervo do autor.

Estes registros eram realizados por região (Figura 2) e posteriormente montados no mapa total. Mas a montagem que faz parte do subtítulo não é essa acima mencionada. A noção de montagem aplicada na tese vem da relação que se estabeleceu nos âmbitos do PPG-FAU-UnB, a partir do Grupo de Pesquisa Topos – Paisagem, Projeto e Planejamento, com a pesquisa Cronologia do Pensamento Urbanístico, liderada pelas professoras Dra. Paola Berenstein Jacques (UFBA – Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano) e Dra. Margareth Pereira (UFRJ – Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Urbanos). Essa relação interinstitucional, que conta hoje com pesquisadores da UFBA, UFRJ, UnB, UNICAMP, UFMG, UFRGS e UNEB, colocou-se como um lugar de atualizações e debates intensos que mobilizaram as pesquisas de seus integrantes. Enquanto doutorando e participante da Cronologia do Pensamento Urbanístico sob a

coordenação, na UnB, do orientador da tese aqui mencionada, Dr. Ricardo Trevisan, fui profundamente contaminado por tais atualizações e debates, ao ponto de inseri-lo na tese como parte fundamental do pensamento sobre a história e a metropolização nela trabalhada. Para tal, a noção de montagem ali empreendida está subsidiada pela compreensão que segue:

A montagem é uma ação seletiva. Tal ação nos permite antecipar, diante de um número sem fim de possibilidades, certa coerência diante do quadro aberto de peças isoladas, aparentemente soltas, mas amarradas pelas finas redes da trama histórica. Entretanto, tal ação nem sempre incorre em escolhas justas e certas. Há sempre o risco de deixar de lado peças importantes, ao mesmo tempo em que se evidencia a possibilidade de selecionar aquelas que podem nos fazer ver os nexos históricos com maior clareza, peças capazes de reforçar essas finas redes que alicerçam as realidades encontradas em qualquer território (MÁXIMO, 2019, p. 30).

Foi a partir desta noção de montagem que a liberdade do trânsito de informações em combinações, comparações, diferenciações e inversões puderam ser praticadas. Os levantamentos precisavam ser, após sua análise, recortados e selecionados. O critério para esta seleção não foi dado pela continuidade espacial ou mesmo pela espessura temporal do período em questão, mas pelos enlaces, relações e aproximações de peças próximas e distantes, inclusive temporal e espacialmente. O exercício da montagem, assim, permitiu perseguir os cursos dos fluxos de metropolização do espaço, que notadamente é descontínuo e fragmentado. Este recorte, doloroso de ser realizado diante da riqueza de fontes que são produzidas cotidianamente no entre-Metrópoles, foi então delimitado em função das densidades explicitadas pela montagem.

À medida em que foram levantadas e documentadas, essas eram entendidas como peças de um grande e amplo quadro metodológico construído pelo exercício da montagem. A partir do confronto dessas peças com as discussões teóricas que elas suscitavam, foi possível aglutiná-las nas duas dimensões teóricas que estruturam este trabalho (MÁXIMO, 2019, p.30).

Deste modo, embora já no pré-projeto de tese constasse um direcionamento à abordagem pretendida, haviam algumas suspeitas em relação ao objeto que os procedimentos tradicionais não eram suficientes para esclarecê-las. A montagem permitiu essa ousadia. A título de exemplificação, uma delas, a que de fato sustenta a tese, a ideia de metropolização conjugada, adveio derivada da observação dos enlaces espaciais que Anápolis materializa e a qual só pôde ficar mais clara e evidente no terceiro ano de pesquisa, após o Exame de Qualificação de Tese e o início da escrita do documento final. Como exercício desta constatação foi publicado, em 2018, o artigo **A metropolização do espaço em Goiânia e Anápolis: Metamorfoses territoriais e o efeito genérico**, no qual foi afirmado:

No alvorecer deste novo século, para além de sua histórica aptidão industrial, agrícola e atacadista, ela [Anápolis] tem sido uma espécie de termômetro das tensões que as metrópoles nacional e regional exercem sobre sua rede urbana mais imediata (MÁXIMO e TREVISAN, 2018, p. 12)

Hoje, com tal compreensão mais amadurecida, é possível constatar, neste trecho, os limites e a gênese daquilo que a montagem trouxe à tona e que foi incorporada à tese. A metropolização do espaço conjugada por Goiânia e Brasília não subordina somente sua rede urbana mais imediata, mas uma fração que pode chegar a 30% do território brasileiro, em função das relações estabelecidas por sua ampla rede urbana, evidenciada pelo Estudo das Regiões de Influência das Cidades (Figura 3).

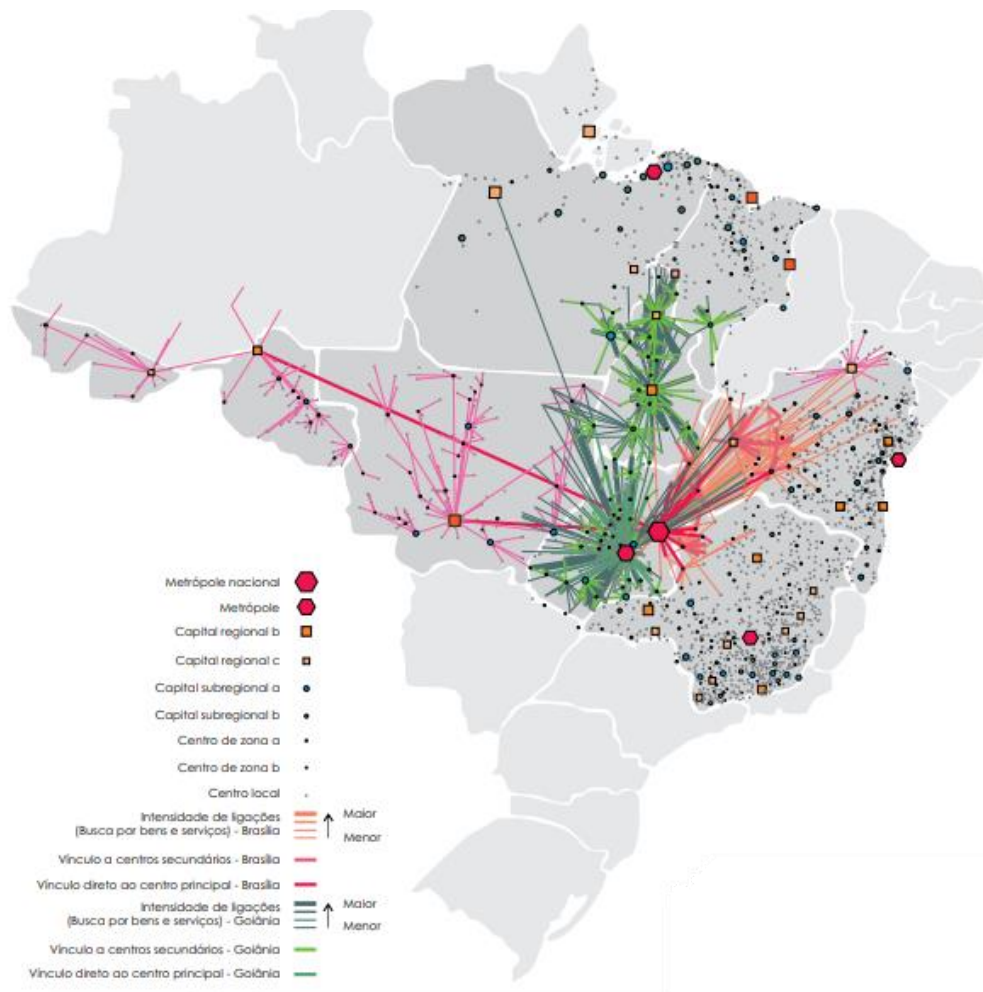


Figura 3 - Mapa de regiões de influência das cidades Goiânia e Brasília.
Concepção: Pedro Máximo; Elaboração: Matheus Costa; Dados: REGIC, 2007;
Finalização: Pedro Máximo, 2019. Fonte: Máximo, 2019, p. 215.

NARRATIVA 2 - POR QUE “ENTRE” E NÃO “EIXO”?

O espaço analisado na tese é muito conhecido como Eixo Goiânia-Brasília ou Eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. Ficou evidente tal nomenclatura no início deste novo século em função da adaptação da política adotada em âmbito nacional, os Eixos Nacionais de Desenvolvimento (ENIDs), ao âmbito regional, o Eixo de Desenvolvimento

Goiânia-Anápolis-Brasília, em 2001. Desde então, este termo passou a ser amplamente abordado pela academia, reproduzido pela mídia e passou a fazer parte do linguajar popular. Após uma bibliometria que permitiu apurar 39 trabalhos sobre o Eixo de Desenvolvimento Goiânia-Anápolis-Brasília, suas infraestruturas e suas cidades - entre eles Livros, Teses, Dissertações e Artigos -, e mais, após a vivência do território e inúmeras conversas e entrevistas em diversos pontos, foi constatado que estes significados de “Eixo” eram por demais amplos. Os significados mais comuns eram de “corredor rodoviário”, “dimensão regional”, “cidades aglutinadas ao corredor rodoviário”, “política territorial”, “local em que se pode comercializar, dado o fluxo de pessoas, à beira da rodovia ou próximo a ela” ou mesmo “um conjunto territorial em formato linear”. Tal amplitude de significados, própria de um fenômeno urbano-regional ainda por ser claramente identificado e traduzido - embora de conteúdos nem sempre antagônicos, mas imprecisos -, foi um impeditivo importante para sua incorporação à tese, tendo em vista que analisá-la por si só seria um trabalho de grande envergadura.

A compreensão supracitada abriu as possibilidades de investigação do espaço para além das noções de Eixo, sem necessariamente negá-las. Assim, tal espaço foi nomeado, nos âmbitos da pesquisa, de **entre-Metrópoles Goiânia-Brasília**, um conceito a designar os lócus de intensa urbanização e metropolização, motivadas ou não, por políticas e planejamentos territoriais, mas notadamente subordinados à metropolização conjugada por estas metrópoles. O *entre* foi concebido como um aberto, um impreciso e um ambivalente. Ao mesmo tempo que indicava um lugar, um intervalo ou um convite; indicava também uma relação e um desconhecido, portanto, um devir, um vir a ser existente, mas que não aparecia.

O *entre-Metrópoles* possui um hífen, uma ponte que indica uma distância e uma proximidade, uma separação ou uma ligação, um nexos ou um elo entre as metrópoles. Essa distância-proximidade historicamente fabricada entre elas é a chave para a compreensão deste fenômeno urbano-regional, tendo em vista que o processo de compressão espaço-temporal intensificou e intensifica as relações entre essas duas cidades capitais.

Certamente o corredor rodoviário do entre-Metrópoles orientou o processo de investigação, mas todo o percurso metodológico não ficou restrito a ele. Relações entre espaços distantes, como Pirenópolis e Caldas Novas, foram ressaltadas como espaços constituintes deste *entre*. Nelas, a metropolização do espaço se evidencia e se coloca como componente territorial que estrutura a organização funcional das metrópoles, ainda que situadas a centenas de quilômetros, como espaços de lazer e diversão. Por consequência, assimilam suas demandas, linguagens e padrões do momento, seja em pousadas, hotéis, *resorts*, restaurantes ou turismo ambiental, seja nos próprios modos de vida local que são tensionados à metamorfose pelas pressões requisitadas pelas metrópoles. Além do mais, Goiânia e Brasília polarizam uma ampla região agrícola em Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Bahia, Minas Gerais. O entre-Metrópoles, assim, não está dado somente pelo tipo de relação espacial que existe entre elas, mas, também, por suas conexões virtuais.

NARRATIVA 3 – OS DIAGRAMAS E AS REPRESENTAÇÕES DO TERRITÓRIO

É inerente a arquitetos e urbanistas a necessidade de um suporte material para fazer saber suas ideias. Cadernetas de anotações, papel, lápis 6b, canetas ou mesmo *tablets* e *smartphones* com aplicativos de desenho nos auxiliam a conversar, a expressar, a expor e a pensar. Num bar, a caneta do garçom e um guardanapo sobre a mesa são suficientes para uma boa conversa com um arquiteto e urbanista; e o mesmo pode ocorrer num canteiro de obras, basta dispor de uma superfície e cacos de tijolo, telha ou gesso. É o que bem explicou Carlos Antônio Leite Brandão (2001, s/p)⁸ ao nomear de “transmutação” essa “[...] oportunidade que temos de elaborar a experiência na medida em que nos obrigamos a compreendê-la, ou seja, apropriarmo-nos espiritualmente dela, colhê-la, prender o mundo a nós.” Nesta senda, a “representação da arquitetura deixa de ser mero veículo instrumental e mostra-se

⁸ Brandão refere-se ao conceito na obra de arquitetura e no processo de projeto. Peço licença para adaptar tal reflexão para o exercício de elaboração de Tese.

como momento conceitual”, no qual, “aquilo que nos foi dado” como experiência “é transmutado naquilo que doaremos ao mundo.”

Quem se dispuser a vasculhar as páginas da tese aqui referida encontrará nela uma quantidade expressiva de diagramas, mapas e fotografias, recursos comuns de representação do território em trabalhos de Arquitetura e Urbanismo e áreas afins. No entanto, grande parte dos diagramas ali presentes foram produzidos no processo de compreensão do objeto e ao longo da pesquisa, não como um suporte para a síntese de dados e representação de informações já coletadas e previamente analisadas. Assim, tais diagramas são as próprias ideias-sínteses da apreensão-exposição de um conjunto de experiências vividas no território de abrangência regional que é o entre-Metrópoles Goiânia-Brasília (Figura 4).

ENTRONCAMENTO AÉREO RODOFERROVIÁRIO E URBANO DO ENTRE-METRÓPOLES

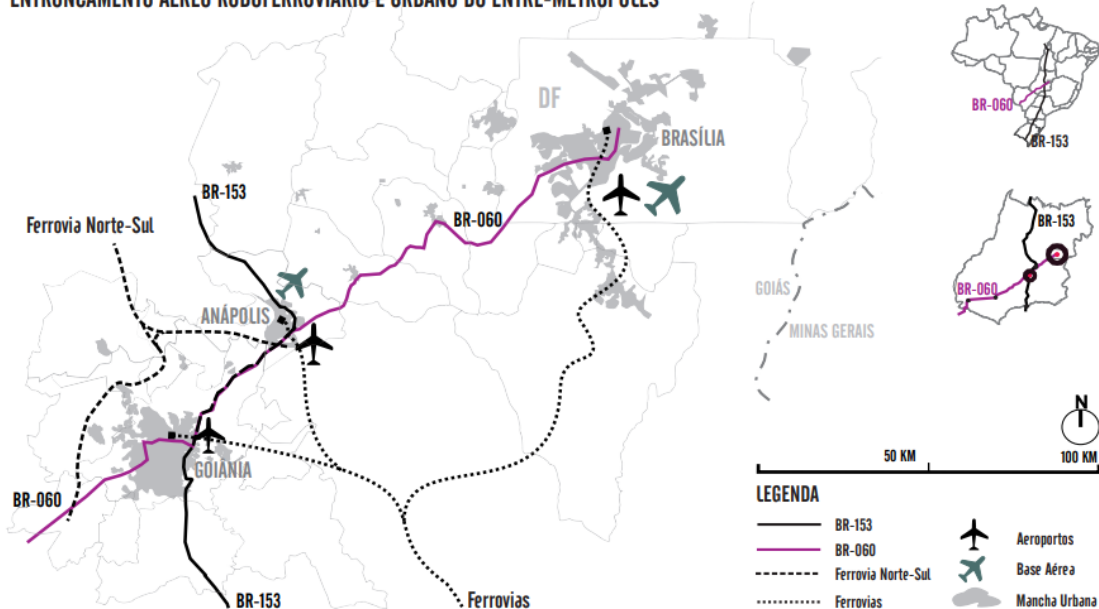


Figura 4 - Relação das infraestruturas de transporte (rodovias, ferrovias e aeroportos) com a mancha urbana do entre-Metrópoles, elaborada em 2017. Fonte: Pedro Máximo, 2019, p. 26.

Essa característica certamente não é unicamente minha, mas advém, não do doutorado, mas da experiência como aluno da graduação em Arquitetura e Urbanismo da UEG, na qual tive professores que me ensinaram a “pensar com as mãos”. Destaco aqui a profa. Dra. Maíra Teixeira que, pacientemente, nos apresentou este texto de Brandão logo no início da trajetória acadêmica e insistia que a análise gráfica era um dos caminhos mais seguros para se compreender a essência do objeto arquitetônico. Ma. Nancy Mello ocupa um lugar singular nessa trajetória como professora de desenho e objetos tridimensionais, que misturava em suas aulas técnicas de representação e textos de filosofia. Me. José Renato de Castro e Silva, nas disciplinas de Desenho Arquitetônico, agia com seu divertido rigor técnico, precisão e visão infalível, mesma característica que dispunha o Dr. Alexandre Gonçalves que, ao ministrar Arquitetura e Urbanismo na América Latina, nos ensinou, além do conteúdo da disciplina, um rigor absoluto na diagramação das fichas de levantamento dos edifícios. A fidelidade conceitual em relação a sua expressão arquitetônica, insistentemente reforçada pelo professor Dr. Fernando Antônio Mello e Ma. Marcelina Gorni deve ser lembrada e, por fim, as contribuições da Dra. Celina Manso e Dra. Angélica Romachelli nas disciplinas de urbanismo merecem destaque, professoras estas que sempre foram muito precisas nas análises dos mapas que produzíamos e rigorosas com o objetivo de superarmos, a cada tentativa, nossas limitações perceptivas e de representação dos territórios.

Todas essas características, advindas de uma filosofia não necessariamente verbalizada de se “pensar com as mãos”, nos âmbitos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG, puderam ser aplicadas e aprimoradas ao longo do curso e com outros professores igualmente importantes. No doutorado, a relevante ousadia do meu orientador Dr. Ricardo Trevisan concedeu-me liberdade para, então, aplicar tais ensinamentos. A linguagem do trabalho pôde ser testada no Projeto de Qualificação de Tese e aprofundada na Tese⁹. O formato, derivado de um A4

⁹ Os membros das bancas de Qualificação de Tese e Defesa de Tese foram Dra. Milena D’Ayala Valva (TECCER/UEG), Dra. Elane Peixoto (PPG-FAU-UnB), Dr. Fernando Antônio Mello (FAV-UFG)

expandido e editado sempre em duas páginas, permitiu-me articular texto e imagem ao ponto de serem inseparáveis. Ambos, texto e imagem, são suportes mútuos de compreensão dos conteúdos ali apresentados e debatidos, não podendo um existir sem o outro como uma Tese. Neste sentido, não somente os diagramas figuram nesta posição, mas as fotografias que, apesar de registrarem um momento do território, expressaram uma miragem ou uma simulação do que ocorria nos tempos das experiências de incursão sobre ele.

O PRÊMIO BRASÍLIA 60 ANOS

O trabalho conceitual em arquitetura, conforme Carlos Brandão (2001 s/p) “[...] é uma colheita que não visa apenas ao acúmulo, mas, sobretudo, o relançamento ou a transmutação daquilo que se colhe em algo que se oferece ao mundo e se apresenta como útil aos homens e ao destino público.[...]”. O Prêmio Brasília 60 anos certamente já é uma colheita pessoal de uma semeadura pública que foi realizada anteriormente, no formato de Tese e de artigos. Este reconhecimento, não somente ao trabalho que foi parcialmente aqui narrado, mas ao orientador, Dr. Ricardo Trevisan, e aos professores e pesquisadores do PPG-FAU-UnB, honra a trajetória de Brasília, da Universidade Pública e dos 7,5 milhões de habitantes do entre-Metrópoles, insistentemente destacados no referido trabalho.

As angústias provenientes da elaboração da tese não cessaram, mas estão em apaziguamento. Afinal, fazer pesquisa no Brasil é um ato de resistência em nome da ciência, do ensino de qualidade, da investigação e da própria vida social e coletiva. Este prêmio foi, no contexto da premiação, dedicado à Universidade Pública brasileira. Aqui, neste honesto ensaio, reitero aquela fala. Que ela ecoe!

e presididas pelo Dr. Ricardo Trevisan (PPG-FAU-UnB). Contou, como membro suplente, a Dra. Carolina Pescatori (PPG-FAU-UnB).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Linguagem e Arquitetura: o problema do conceito*. Interpretar Arquitetura, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 1-8, 2001.

DECANATO DE PÓS-GRADUAÇÃO - DPG. Universidade de Brasília. **Edital Nº 008/2020**: Prêmio UnB de Dissertação e Tese 2018 e 2019, Prêmio Brasília 60 anos e Prêmio Técnicos na Ciência, Edital Nº 008/2020. Brasília, DF, 2020.

MÁXIMO, Pedro Henrique. *O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: história e metropolização*. 2019. 346 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MÁXIMO, Pedro Henrique; TREVISAN, Ricardo. *A metropolização do espaço em Goiânia e Anápolis: Metamorfoses territoriais e o efeito genérico*. In: Anais do 2º Seminário Nacional Pensando o Projeto, Pensando a Cidade, 2018, Goiânia. **Anais**. Goiânia: UFG, 2018. p. 1-18.

MÁXIMO, Pedro Henrique; TREVISAN, Ricardo. *Alexânia e Abadiânia, duas cidades novas para Brasília*. Revista Nós: cultura, estética & linguagens, v. 04, p. 99-126, 2019.

Artista: **Áureo Rosa**

